Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 7 - edição 19 - Dezembro 2022

Casarão das Artes

A minha benção Minha Mãe, Minha Senhora e Rainha de Manzo Ngunzo Kaiango, a minha benção Mameto de Nkise Munhandê

por Makota Celinha Gonçalves

niari
COSMÉTICOS

Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

*Livre de parabenos e petrolato

#AfroLivre

www.niaricosmeticos.com.br

Canjerê
Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Chegamos até aqui, finalmente, a 19ª edição da Canjerê está entre nós, e num contexto que em que temos muito o que comemorar. A derrota do fascismo nas últimas eleições é um ponto de grande importância na luta anti-racista, na luta pela democracia, pela arte, pela cultura. Há muito o que lutar, óbvio, não tem jogo ganho, mas é essencial pontuar nossas vitórias e conquistas. Seguimos! Neste mês de novembro, período em que celebramos a resistência de Zumbi de Palmares, as pautas refletem os territórios ocupados no cinema, na dança, na música, nas reflexões. Bora escurecer!

A matéria de capa retrata a força do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, registrado pelas palavras da Makota Celinha. Fernanda Luá entrevista o pesquisador, filósofo e historiador Marcos Cardoso, referência do movimento negro. Sandrinha Flávia entrevista a estilista Valéria Duarte, na Seção Negócios. O mestre Evandro Passos aborda "Experiências do sagrado de matriz africana no Carnaval". Na seção África, Elísio Macamo traz uma perspectiva sociológica sobre Moçambique. Na sessão de música, falo sobre o álbum "Umbatuke" do rapper Radical Tee, trabalho que comemora trinta anos de caminhada do artista. Adilson Marcelino fala sobre Marte Um, filme do mineiro Gabriel Martins que é o representante brasileiro na disputa pelo Oscar.

O olhar social deste mês apresenta a trajetória exemplar de incentivo à leitura do rapper e empreendedor, Adam Araújo.

Boa leitura.

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG.

Foto:
Flavio Charchar

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

SUMÁRIO

p6 Entrevista
Marcos Cardoso, um militante do povo negro, 45 anos lutando em busca de uma formação de consciência negra

p18 Matéria de capa
A minha benção Minha Mãe, Minha Senhora e Rainha de Manzo Ngunzo Kaiango, a minha benção Mameto de Nkise Munhandê

p24 África
Dos atalhos históricos que fazem Moçambique

p26 Ensaio
A dança afro-brasileira de Mercedes Baptista ecoa no carnaval de 2022 e reescreve a história dos corpos negros na avenida Sapucaí

p10 Comportamento
Guia Negro une viagens e black business para estabelecer a cultura negra em destinos turísticos

p12 Canjerê
Moçambique, Salvador, Diamantina e BH: Canjerês com Enlaces Ancestrais

p14 Gente do Canjerê
De 2018 para 2022: uma conversa com Robson Di Brito sobre a política brasileira

p16 Olhar Social
Adam Araújo: compositor e escritor que aposta no conhecimento como ferramenta para romper barreiras

p22 Negócios
Valéria Duarte cria coleções de moda que contam a história da cultura negra

p29 Cultura - Literatura
Conceição

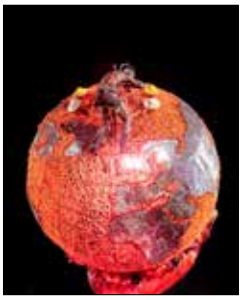
p30 Cultura - Música
Uma referência chamada Radical Tee: “ubatuke foi me chamar”

p31 Cultura - Cinema
Cinema de gente, cinema da gente

p32 Notícias

Foto da Capa: Ricardo Laf

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



Colaboraram nesta edição:
Albino Moisés, Bruno Gomes, Cassandra Mello, Estúdio Beco - Ronald Nascimento, Flávio Chachar, Gabiel Botelho, Gabriel Monteiro, Guia Negro, Gustavo Domingues, Jornal Quilombo - Abdias Nascimento, Patrick Arley, Rafael Freire, Yasmin Morais Assis e Yuri Laurindo.

Matéria de Capa

A minha benção Minha Mãe, Minha Senhora e Rainha de Manzo Ngunzo Kaiango, a minha benção Mameto de Nkise Munhandê
Makota Celinha Gonçalves

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editor
Roger Deff

Repórteres
Moisés Mota, Sandrinha Flávia e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografla
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Rua Augusto de Abreu, 219
Bairro Boa Vista
31070-410 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 99339-2795
artesdocasarao@gmail.com

Casarão das Artes

ENTREVISTA

Marcos Cardoso

Um militante do povo negro, 45 anos lutando em busca de uma formação de consciência negra crítica e pela melhoria de vida do povo negro e pobre brasileiro

Fernanda Luá

Jornalista pelo Centro Universitário UniFanor – Wyden e Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará

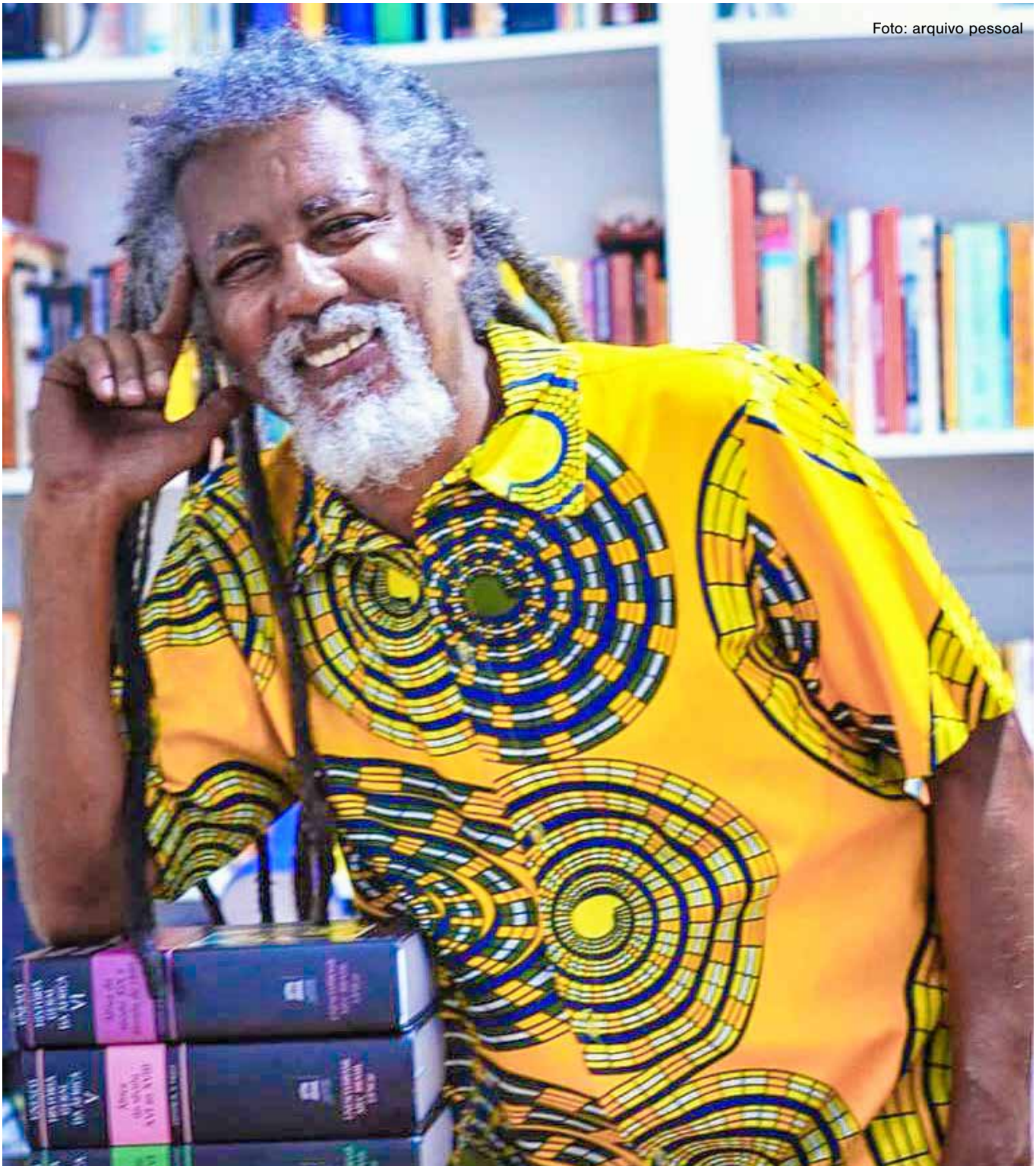


Foto: arquivo pessoal

De Belo Horizonte, Minas Gerais, Marcos Cardoso nasceu no bairro de Santa Efigênia, mas durante sua adolescência criou-se na região do Barreiro, que era conhecida por ser uma localidade onde se concentrava a classe operária.
O espaço que o aproximava do movimento operário e das lutas sindicais durante a adolescência fez com que Cardoso inicia um processo que o acompanharia ao longo de sua vida: a militância política, especificamente em prol do povo negro. Hoje, Marcos Cardoso é reconhecido por ser uma das primeiras lideranças, em Belo Horizonte, do Movimento Negro Unificado (MNU), além de ser Filósofo, Mestre em História Social, doutorando em Ciências da Informação e, desde o ano de 1993, trabalha na Prefeitura de Belo Horizonte como Analista de Políticas Públicas.

A fim de conhecer mais dessa figura tão importante para a militância negra de Belo Horizonte, a Canjerê realizou algumas perguntas a Marcos Cardoso que você pode conferir logo abaixo.

Você se considera e é considerado um militante do Movimento Negro. Como se deu início essa questão na sua trajetória?

Iniciei essa militância a partir do movimento operário, do movimento sindical e também do movimento cultural do grupo de jovens que se organizavam naquela época. Por causa da minha militância no movimento político, ali nos anos 70, eu era uma pessoa inconformada, revoltada e indignada, mas não entendia muito bem as razões dessa minha revolta.
Recebi de forma clandestina o Jornal Versos, o jornal da esquerda naquela época e nele havia a seção afro-latina américa e a partir da leitura dessa seção, editada pelo jornalista Hamilton Cardoso, soube que havia sido criado, naquela época, em São Paulo, um movimento negro contra a discrimação racial.
Lendo essa seção da revista, passei a me inteirar dessas questões, da existência do racismo no Brasil, de que havia grupos de negros se organizando e passei a tomar consciência dessas questões e comecei a entender a minha própria indignação. No Primeiro de Maio, dia internacional da luta dos trabalhadores, na região do Barreiro, fiz contato com esse militante, o Hamilton Cardoso que estava aqui na cidade e a partir do contato com ele comecei a militância no Movimento Negro Unificado. A partir do contato com Hamilton Cardoso, passei a considerá-lo meu guru, meu mais velho, a pessoa que iniciou minha formação política sobre a questão racial. Fiz o contato com um grupo aqui de Belo Horizonte e desse contato comecei a participar das reuniões e me tornei membro, militante do Movimento Negro Unificado naquele momento.

Quais ações nessa área você considera significativas para você e o Movimento Negro de Belo Horizonte?

O MNU é uma retomada de lutas da trajetória do povo negro do Brasil desde Palmares do ponto de vista da organização coletiva. Somos herdeiros de um passado de lutas e o movimento negro na contemporaniedade é uma continuidade desse processo. A primeira é esse processo de formação da consciência negra que é fundamental e o processo de desnudar o racismo na formação histórica do Brasil. O racismo estrutural, o racismo institucional. Desvelar o mito da democracia racial e desvelar os mecanismos de opressão e dominação do povo negro na sociedade brasileira é a principal questão. Uma coisa importante também é incidir na agenda política, especialmente na agenda dos direitos humanos contra a violência. Inserir esses conteúdos na Constituição do Brasil de 1988. Propor um projeto educacional para o país, um projeto antirracista, plural.

A educação para a gente, para a comunidade negra sempre foi prioridade zero, acho que o movimento negro inicide muito nessa área.

Na sua visão, como Minas Gerais trata a questão Racial?

A questão racial por muito tempo foi invisibilizada, continua sendo invisibilizada, mas com uma densidade menor. Essa trajetória, sobretudo a partir dos meios das redes sociais, a pauta racial tem ampliado bastante, com muita visibilidade. Na medida que os meios de comunicação no passado inviabilizavam a questão do racismo, por outro lado também pautavam as atividades em torno da cultura, mas sem referenciar a herança cultural africana, o movimento negro, sobretudo os artistas negros, as comunidades tradicionais, as comunidades quilombolas. Toda essa pauta passou a ser visibilizada a partir do movimento negro organizado e depois esses segmentos da população negra foram se tornando protagonistas das suas próprias questões. Hoje há uma diversidade, uma pluralidade muito grande de temas estruturantes da vida brasileira, estruturantes da vida da população negra. Nossa tarefa é visibilizar, consolidar essa pauta e propor políticas públicas no sentido de resolver esses problemas.

Na sua trajetória profissional, em políticas públicas, quais contribuições você julga como mais relevantes?

Para ser mais específico, o fato de hoje continuar trabalhando com formação continuada, no campo da história da África, com formação de professores, com vivenciadores do candomblé, com juventude negra e capoeira. Eu considero, por exemplo, a realização do Festival de Arte Negra em Belo Horizonte, em 1995, a pauta da luta contra o Apartheid, a libertação de Mandela na África do Sul e a criação da CPI do Ministério da Igualdade Racial, no campo de produzir uma política nacional de combate ao racismo.

Foto: arquivo pessoal

E na área das políticas públicas?

Eu acredito que as políticas públicas, quando conduzidas por militantes por quadros negros compromissados, tende a avançar. Nesse sentido, me parece que não adianta muito ficar discutindo representatividade, que eu acho até importante porque é uma representatividade simbólica, mas não é uma representatividade real. Essa visibilidade virtual, midiática, às vezes, ela não contribui muito para a real resolução dos problemas no sentido de tirar a população negra dessa situação de humilhação que o racismo e a sociedade brasileira pela sua indiferença, pela sua hostilidade impinge a essa população cotidianamente. Eu penso que essa luta, o empoderamento político dela e o compromisso da intelectualidade negra e seus principais quadros nesse combate é essencial no processo de transformação da sociedade brasileira. Isso no sentido de radicalização, de radicalidade da democracia, esse é um caminho em que a gente tem apostado nos últimos anos.

O que seria essa radicalização da democracia?

Significa produzir oportunidades iguais, tanto no ponto de vista quantitativo como qualitativo. Sobretudo no campo da economia, da igualdade econômica, no campo de acesso à propriedade da terra, à moradia digna, a um ensino de boa qualidade, acesso ao ensino superior. Acho que caminha por aí, né? No sentido de produzir uma economia da cultura. É fundamental bater o tambor, mas o mais importante é conhecer, valorizar e financiar a mão que toca o tambor.

Foto: arquivo pessoal

Guia Negro une viagens e black business para estabelecer a cultura negra em destinos turísticos

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Se viajar é uma experiência transformadora, por que não pode ser também inclusiva? É a partir dessa provocação que surgiu o Guia Negro, uma plataforma de afroturismo que realiza experiências turísticas em diversas cidades e faz produção independente de conteúdo sobre viagens, cultura negra, afroturismo e black business.

A iniciativa foi fundada pelo jornalista Guilherme Soares Dias que é consultor em diversidade e empreendedor apaixonado por viagens. Como jornalista, ele escreve para a Carta Capital, Revista Trip, UOL e é colunista na Folha de S. Paulo, além de outras publicações como podcast "Afroturismo, o movimento", um guia inovador de viagens mais diversas e conscientes. A cada sexta-feira, o podcast traz novos convidados que abordam temas sobre a história e a cultura desse povo tão rico, trazendo narrativas sobre o protagonismo negro e um novo olhar para o turismo. A produção tem a participação do fotógrafo e anfitrião de experiências Heitor Salatiel que traz dicas de lugares, músicas e filmes para continuar as viagens propostas pelo programa.

Guilherme Soares Dias é ainda apresentador do quadro Guia Negro Viagem, disponível no canal de Youtube do Catraca Livre. Em 2022, o canal lançou episódios sobre destinos como África do Sul, Palmares, Salvador, São Paulo e São Luiz. Nos vídeos, Guilherme apresenta destinos passando por pontos turísticos, restaurantes, espaços culturais, museus ou locais históricos importantes para a história negra, no Brasil ou exterior, sempre acompanhado de um convidado que participa das visitas.

Além de dicas com canais de comunicações em diferentes formatos, o Guia Negro também oferece e desenvolve experiências turísticas com passeios guiados. Na lista de roteiros especiais oferecidos pelo Guia Negro estão a Caminhada São Paulo Negra e de outros walking tours baseados na cultura e história negra, como a Caminhada Bixiga Negra e Caminhada Barra Funda Negra, em São Paulo. A proposta é percorrer locais e monumentos representativos para a população negra, tendo como propósito a realização de um resgate da história do povo negro na cidade de São Paulo.

Na Bahia, o público também pode descobrir novos olhares a partir do turismo criativo da plataforma.

A Caminhada Salvador Negra, que ocorre no Pelourinho; a Suburbana Tour; Nordeste Tour; Passar uma tarde em Itapuã; Curuzu-Liberdade Tour; e Caminhada Boipeba Roots. Os valores dessas experiências turísticas guiadas variam, e os passeios guiados podem ser feitos de 60 a 75 reais, com agendamentos disponíveis pela plataforma. O Guia Negro contém conteúdos diversos como entrevistas com artistas, curiosidades e dicas de viagens, afro-negócios, agendas culturais, entre outros.

Conheça mais sobre essa plataforma no site:
guianegro.com.br

Foto: Guia Negro

Moçambique, Salvador, Diamantina e BH
Canjerês com Enlaces Ancestrais

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

No dia 26 de junho, lançamos a 18ª edição da nossa revista. E, como sempre, foi um momento leve, lindo, musical e cheio de afetos. Nesse dia, celebramos o aniversário de **40 anos do aniversário de libertação de Moçambique** da colonização portuguesa. Honrosamente recebemos no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, para festejar conosco, dois moçambicanos – Cláudio Manjate e Amosse Mucavele. A seleção de músicas moçambicanas ficou por conta dos DJs do projeto **Nujazz no Parque**.

Para quem não teve a oportunidade de estar conosco, eis uma oportunidade para ouvi-las, capturando o QrCode.

A capa da edição 18 traduz em letras e imagens a importância do sambista griot, **Mestre Conga**.
José Luiz Lourenço nasceu em Ponte Nova. Mudou-se para Belo Horizonte com seis anos. É o responsável pela inserção de sambas enredo nos desfiles de carnaval de Belo Horizonte. Em 1950, fundou o Grêmio Recreativo Escola de Samba Inconfidência Mineira.

Em julho partimos para Salvador a convite dos parceiros das **Lojas Katuka** e **Mercado Negro**, Renato Carneiro e Carlos Danon, para participarmos de agendas relacionadas a rodadas de negócios no âmbito da cultura e arte negras. É sempre um processo de identificação ancestral com os nossos valores pisar nas terras baianas! Momentos de inspiração, de trocas de energias e ideias para o fortalecimento das nossas bases identitárias negras.

Localizada na Praça da Sé, Centro Histórico de Salvador, a Katuka Africanidades é uma loja que reúne moda, arte e literatura num só lugar. Na loja, é possível adquirir roupas femininas e masculinas, tecidos africanos, livros voltados à cultura africana e à identidade negra, além de bijuterias e artigos de decoração vindos em sua maioria de países africanos.

O conceito por trás da Katuka está ligado à herança africana que permanece na cidade de Salvador e em todo o Brasil até os dias de hoje. Para Renato Carneiro, designer responsável pela marca, a ideia de produzir as roupas com os tecidos africanos é trazer um colorido, um diferencial que existe nessa padronagem para o dia a dia da cidade.

Festival do Vale do Jequitinhonha, em Itamarandiba

Pela primeira vez, conseguimos participar do Festivale, que ocorreu em julho. A cidade de Itamarandiba nos lembra alguns territórios africanos – corpos e corpas negros e negras circulam por todos os lados. Reinados, danças, vestuários, artesanatos e sobretudo a musicalidade são alimentos para a alma de quem respeita, valoriza e fomenta as culturas de matriz africana.

O que muitas vezes não paramos para pensar é que onde havia a realeza, havia também a escravidão. E muitos quilombos se formaram ao longo do Vale do Jequitinhonha com a união de pessoas negras escravizadas e que mantinham suas culturas próprias, sua agricultura, sua culinária e resistiram pelo sonho de viverem em liberdade. Os quilombos se formaram nas regiões de difícil acesso, em grotas e chapadas, distantes dos arraiais ocupados pelos colonizadores. Ali as pessoas se uniram para se protegerem e trocaram conhecimentos, conseguiram tirar seu sustento da terra e reviveram suas manifestações culturais africanas misturadas às tradições indígenas da região.

E, mais uma vez, e com muita alegria, tivemos a oportunidade de estar na cidade de Diamantina para usufruir da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro.

É uma das festas mais bonitas e tradicionais de Diamantina. Na celebração, há novena durante os nove dias que antecedem a festa. No penúltimo dia, ocorre o levantamento do mastro acompanhado por várias manifestações culturais. No último dia, realiza-se a procissão e a saída do reinado quando o rei e a rainha do Rosário saem em cortejo acompanhados por grupos folclóricos como a marujada e caboclinhos. Neste ano, ocorreu uma missa conga na Igreja do Rosário.

De 2018 para 2022: uma conversa com Robson Di Brito sobre a política brasileira

Samira Reis
Jornalista e modelo

Leiamos as reflexões do Robson Di Brito, jornalista, colaborador da Revista Canjerê:

Como escritor, sempre penso de forma narrativa e em 2018 vivi um romance distópico. Acredito que a maioria que possui o mínimo de senso crítico não considerou que a sociedade brasileira elegeria um indivíduo com discurso segregador tão evidente como Bolsonaro. É claro que havia as falas hipócritas da família, da liberdade, da religião etc., mas era explícito para mim que ele não era o que pregava. E quando veio o resultado não consegui entender como que pessoas que acompanharam as sagas de Harry Potter contra Voldemort, ou Katniss Everdeen contra a Capital em Jogos Vorazes, e até mesmo Luke Skywalker contra Darth Vader, conceberam que o maior vilão da sociedade brasileira poderia ser um bom líder. Como professor de ciências humanas e linguagens, fui perseguido politicamente, especialmente no estudo da literatura brasileira no ensino médio e universitário, pois me identificava com vários romances nacionais que reivindicam um posicionamento social menos segregador e contrário ao discurso raso de família tradicional e religião às cegas. Percebi que entre pessoas de poder aquisitivo mediano (digo com uma casa em bairro de classe média, um carro com carnê de 120 meses), me parece que o mínimo de acesso faz as pessoas acreditarem que são nobres e descendentes dos europeus mais alvos.

Há, na extrema-direita, um poder alienante que invoca padrões medievais. E, para mim, é claro, penso que só não tiveram um poder massivo de fato como os nazistas por conta das mídias de comunicação.

Graças a elas também pudemos acompanhar aquilo que eles não queriam que víssemos. Isso é o poder de Exu, a comunicação revela tudo, expõe, exorta o que você quer ver e o que não quer ver. Nesta nova presidência que se iniciará a coisa mais sensata a se fazer é demonstrar para sociedade que a Justiça existe de maneira séria e digna. Depois arrumar a bagunça na educação – O MEC precisa voltar a ser o MEC –, pois o conhecimento é um espelho e é por ele que se pode ver quem é a nação brasileira.

Faço coro para que Damares Alves seja cassada e perca seu mandato. Novamente penso de forma narrativa. Houve momentos claros durante o mandato de Bolsonaro e na disputa presidencial que Damares comportava-se como uma Tia Lydia e Michele Bolsonaro como Serena Joy Waterford, as personagens repugnantes The Handmaid's Tale (livro e série).

O que essa "Tia" fez e disse durante a disputa presidencial não pode passar impune. É preciso uma ação para demonstrar que não tiramos dentes de crianças para que façam sexo oral, e tão pouco que as religiões de matrizes africanas são o capeta na terra. O imoral, o execrável, a repugnância estão explícitos nas ações dessas duas mulheres. Além disso, elas são um perigo às mulheres do Brasil. Se a extrema-direita voltar ao poder, pois ela fará tudo para isso, as mulheres serão as primeiras vítimas. E, possivelmente, veremos surgir uma nova sociedade brasileira, mais segregadora, mas limitadora de direitos e mais violenta aos pretos, aos pobres, às mulheres e às crianças. Que Oxalá não permita que isso aconteça!

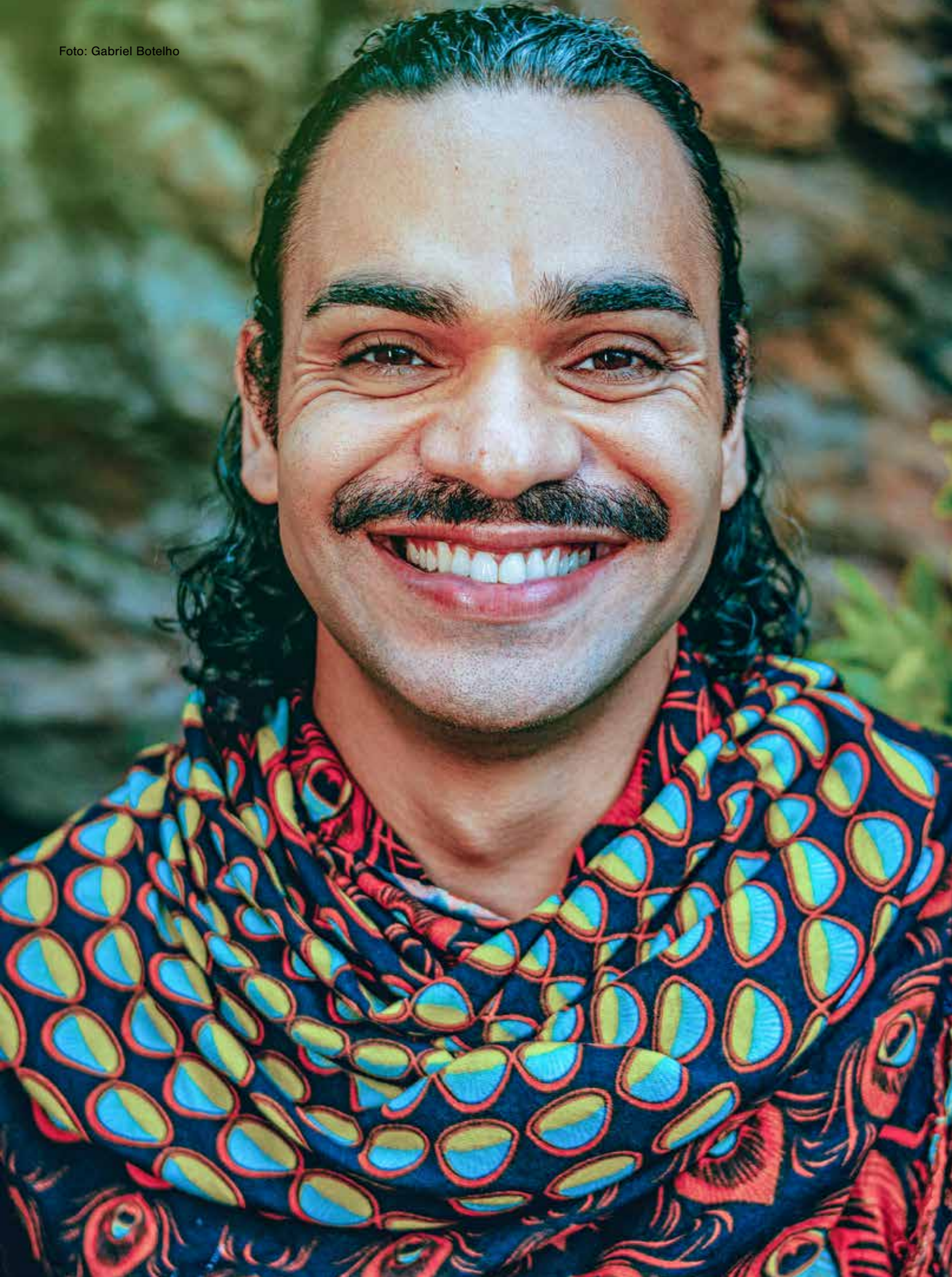


Foto: Gabriel Botelho

Adam Araújo
Compositor e escritor que aposta no conhecimento como ferramenta para romper barreiras

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG.

Foto: Bruno Gomes

Novembro é o mês da Consciência Negra e também o em que se celebra o Dia Mundial do Hip Hop devido ao surgimento da Universal Zulu Nation, no dia 13 de novembro de 1973. A instituição foi criada por Áfrika Bambaataa com o objetivo de aglutinar os elementos que integravam a cultura Hip Hop e organizar o conhecimento em torno daquelas manifestações, pois conhecimento é a palavra-chave, sendo considerado o Hip Hop, inclusive, o quinto elemento dessa cultura, ao lado do MC, Break, DJ e Grafitti.

A busca por conhecimento e a percepção de que ele é a ponte para acessar espaços e construir pontes é o que move Adam Araújo, ex-jogador de futebol americano, rapper e escritor.

Adam é responsável, em BH, pelo projeto Geloteca que consiste em transformar antigas geladeiras em bibliotecas espalhadas pela cidade, incentivando o hábito da leitura. O projeto tem sua origem em Guaianases, distrito da capital São Paulo e foi criado pelo artista Todyone a partir da necessidade de dar nova finalidade à geladeira velha de um amigo, após uma mudança de endereço.

Ao ver a iniciativa pelas redes sociais, Adam percebeu a oportunidade de disseminar informação pelas periferias, ao mesmo tempo em que contribuía para o reaproveitamento das geladeiras agora transformadas em bibliotecas decoradas por grafiteiros locais. Em setembro de 2021, sete geladeiras antigas, instaladas na praça da rua General Osório, do bairro Alto Vera Cruz, da Capital Mineira,

receberam cerca de 500 livros, entre obras literárias e livros técnicos, tudo a partir de doações, o que possibilitou a circulação desse material entre a população da região. A iniciativa rendeu à Adam Araújo uma indicação ao prêmio Meu Vizinho Pardini, de gentileza urbana.

"Ter sido indicado para o prêmio, eu vejo como parte da natureza do trabalho. A gente não faz este trabalho por reconhecimento, mas é bom ser reconhecido, ver a população, as pessoas em volta, ver o trabalho acontecendo e ver que a gente faz a diferença na nossa comunidade, na nossa região", diz Adam Araújo.

Como rapper, Adam Araújo preza por evidenciar que o conhecimento é a base e suas músicas, com letras inteligentes, enfrentam o racismo e as desigualdades. Seu álbum "Preto Rei" pontua estes valores de maneira nítida a exemplo da faixa Cacto: "me disseram que a leitura inspira, por isso é importante tipo respirar". Esses respiros deram origem também ao primeiro livro do rapper, o Sente-se à mesa do sistema, trabalho que reúne reflexões do artista sobre os desafios enfrentados por uma pessoa preta no Brasil.

A leitura é a base. O modelo de biblioteca como a Geloteca é a leitura disponível, não forçada, disponível na quebrada, na quadra e esse é o objetivo. A partir daí, a pessoa descobre outro universo. Isso abre e expande outras possibilidades, pois esse é o poder da leitura", conclui Adam.

Foto: Bruno Gomes

A minha benção Minha Mãe, Minha Senhora e Rainha de Manzo Ngunzo Kaiango, a minha benção Mameto de Nkise Munhandê

Makota Celinha Gonçalves
Coordenadora Geral do CENARAB. Uma mulher apaixonada por Munhandê

Foto: Marcial Ávila

Munhandê é dessas pessoas que para falar dela tenho que me curvar à sua sabedoria de vida. Me lembro até hoje a primeira vez em que fui ao seu Terreiro: era o ano de 1991, era eu uma recém iniciada na matriz africana, cheirando a abô. Fui acompanhada de meu Pai Arabequem, Munhandê que estava celebrando um casamento, uma novidade e uma ousadia para a época. O Terreiro da rua São Tiago, 216, no Santa Efigênia, transbordava de gente querendo assistir ao casamento. Não me perguntem quem estava se casando que não sei, aliás o Terreiro estava tão cheio que ficamos na rua, apenas com pequenos relances do que acontecia lá dentro.

Nunca esqueci esse dia.

O nome de Munhandê sempre vinha nas rodas e lugares por onde passava, mas não tinha eu a ousadia de ir atrás da mulher mito para lhe tomar a benção. Até que, um dia, uma repórter procurou o CENARAB. Tínhamos uma salinha no Edifício Maleta. Eles estavam atrás de uma mulher liderança de matriz africana para dar uma entrevista, essas coisas que acontecem sempre no mês da consciência negra em nosso país, e o Arataremin (Juninho da Oxum) disse que tinha que ser a Munhandê para dar a entrevista.

Me lembro que ligamos para ela e, muito tímida e desconfiada, tentou sair fora, mas não teve jeito e ela concedeu a entrevista. Depois disso, nossa relação foi se estreitando; o Arataremin sempre na minha cola para ajudar a resolver o problema da Munhandê e seu povo.

Toda chuva que vinha, era sempre o mesmo medo, as mesmas angústias e assim me aproximei dessa minha referência feminina no candomblé de BH.

Foto: arquivo pessoal

Foto: arquivo pessoal

De lá para cá, é só admiração e respeito, não canso de ouvir suas histórias de lutas e conquistas, de como a mulher preta e favelada, segundo ela, lutou para construir sua trajetória, educar seus filhos e filhas, alguns consanguíneos e inúmeros de coração.

Quando tive a oportunidade de conhecer melhor essa mulher, ela me assustava com sua força e garra. Sua fé inabalável na figura do Pai Benedito, o Preto Velho que a ajudou na criação e orientação de seus filhos, e o amor por Matamba, são aspectos de sua fé que me deixam apaixonada. Sem falar de Exú Paredão, que consome cachaça "Reis" e consegue em suas festas unir inimigos históricos por respeito e admiração.

Munhandê é um monte de Munhandês, das periferias de BH e do Brasil, uma mãe solo que soube educar suas filhas e seus filhos na mais profunda adversidade, sem permitir que esses perdessem a noção de quem é que manda no pedaço. A casa é da mulher preta, que trabalhou como doméstica, faxineira, lavadeira e que no território é rainha absoluta. Uma quilombola por excelência que traduz para mim o verdadeiro sentido de ser descendente de mulheres negras que construíram suas histórias com muita luta e suor.

Uma das cenas que não me sai da cabeça, e que para mim retrata a essência dessa mulher preta quilombola, foi um dia estava eu sentada em seu salão conversando, e via uma fila de crianças vindo ser abençoadas pela avó antes de irem para a escola.

Para cada uma delas tinha uma benção, e junto destas, uma mão que enfiava no seio e de lá tirava uma moeda, um dinheirinho para a merenda... Os olhinhos eram só agradecimento e a avó Munhandê se completando nos olhinhos alertas e atentos das crianças que se encontravam no aconchego da avó.

Foto: Ricardo Laf

Foto: arquivo pessoal

Fiquei embevecida de ver ali o retrato de minha infância, do amor e aconchego, do carinho e do afeto que essas mães pretas são capazes de oferecer, mesmo tendo, a olhos burgueses, tão pouco a oferecer.

Nessa hora entendo, como o tão pouco pode ser muito e significar resistência e resiliência.

A vida me deu muitos presentes e alegrias e dentre estes a possibilidade de ser uma das pessoas contemporânea de Mameto Munhande, uma mulher à frente de seu tempo que tanto me ensina com sua humildade, sensibilidade e generosidade, mas, acima de tudo, com sua sabedoria. Munhandê para mim é a feminista nata, que talvez, mesmo sem entender o rebuscado dos conceitos, construiu uma dinastia de mulheres pretas e poderosas nesta cidade de BH, cuja vocação para a liberdade ainda é sonho para os pobres.

Com mulheres como Mameto Munhandê aprendo todos os dias que mais é menos; que nunca seremos completas por sermos apenas iniciadas; mas que somos rainhas soberanas em nossos reinos de tradição, oralidade e fé. São mulheres como ela que fazem nossa luta valer a pena, pois nunca desistiram, nem desistirão de um filho ou uma filha suas.

Que mesmo na adversidade imposta pelo racismo, ergueram e erguerão suas vozes para dizer nós temos fé, nós temos tradição ainda que não compreendidas pelo racismo, pelo preconceito. Elas sempre dirão que o problema do racismo é do racista, pois elas são Marias do mundo e da vida, elas são Munhandês, aves cheias de graça!!

Por isso, lhe tomo a bênção hoje, como lhe tomei ontem e tomarei a mesma bênção amanhã!. Porque quero simplesmente espelhar um pouco de sua garra, de sua luta; mas, acima de tudo, de seu orgulho de ser a Matriarca da a Senzala de Pai Benedito, é a Senhora absoluta de Manzo Ngunzo Kaiango.

Foto: acervo pessoal

Valéria Duarte cria coleções de moda que contam a história da cultura negra

Sandrinha Flávia

Jornalista, apresentadora e empresária

Foto: Yasmim Morais Assis

Peças que contam histórias inspiradas na cultura negra. Essa é a proposta da estilista Valéria Duarte, 53 anos. Sua história com a moda começou aos 16 anos quando foi trabalhar em uma loja de tecido. Sua mãe, Helena Duarte da Silva, que trabalhava como faxineira, e sua avó, Elza Paulina de Souza, foram suas incentivadoras.

Quando Helena percebeu o talento da filha, tratou logo de matriculá-la em cursos de pintura de tela, tecido e moda no SESC e SENAC. Foi por meio do curso de moda que veio a primeira oportunidade profissional em uma loja de tecido onde trabalhava como figurinista desenhando para os clientes. Além de faxineira, sua mãe era bordadeira, mas, após adoecer, ela esqueceu a memória da costura. Valéria relata que sua avó foi a sua primeira instrutora, "foi a minha avó que me ensinou a pregar botão, fazer bainha e cerzir roupas" disse.

Após fazer uma viagem a Londres (UK), a estilista teve a certeza de que a moda era o seu propósito. Londres foi a sua inspiração. Após retornar, matriculou-se no curso de designer de moda do Centro Universitário UNA onde conheceu o professor Aldo Clécius, grande incentivador da sua carreira.

A primeira coleção desenvolvida por Valéria foi inspirada pela fala de uma pessoa que disse o seguinte: negro é preguiçoso. Foi, então, que decidiu contar histórias negras através da roupa para desmistificar essa fala. Suas peças não têm estampas e sim texturas, como explica: "Acredito que tudo que a gente vive, fica impregnado no nosso íntimo, na nossa pele, na nossa psiquê e influencia em tudo que a gente faz. É a nossa bagagem que influencia o ontem, o hoje e o amanhã" relatou.

A primeira coleção lançada pela designer foi batizada de “Blues”. São peças com vários vazados, texturas e xadrezes trabalhados em entrelaçamentos de tiras dando efeitos de telas e colares. Valéria explica que a ideia das linhas cruzadas são para mostrar que os encontros que temos na vida produzem algo, por mais triste de sejam. “O Blues, por exemplo, nasceu nas lavouras do algodão com os negros escravizados que cantavam seu dia a dia com aquelas belas vozes e fizeram ressoar até hoje influenciando nossos ritmos musicais.”

As peças trazem ainda tiras de um centímetro e meio que formam texturas que lembram os limites das lavouras de algodão. Vale lembrar que o algodão é matéria-prima para a criação do tecido, inclusive a logomarca da empresa Valéria D Valéria é uma flor de algodão.

Na coleção Blues, Valéria resgata, ainda, histórias de mulheres da Vila Tiébélé que fica em Burkina Faso (África). Elas fazem pinturas feitas à mão utilizando um tipo de barro e formando vários grafismos. A intenção delas é ter um lar e não só uma casa.

A estilista traz essa história e esses grafismos para a sua coleção, “são pinturas sem tinta, utilizo apenas tecidos que falam sem ter voz. Quando você compra a peça, ela vem carregada da história de alguém que não era preguiçoso e se superou a ponto de deixar vários legados”.

Em 34 anos fazendo moda, além das suas próprias coleções, Valéria já assinou coleções como Patchoulee, Silvana Miranda e Vibração, atualmente assina a coleção da HDK Brasil.

A estilista questiona o apagamento de profissionais pretos no setor, “são os donos das marcas que tem relevância, é difícil um negro ter projeção dentro da marca, e foi por isso que criei a minha própria empresa para entender quem eu sou de verdade, pois as impressões sobre mim eram passadas por pessoas que não tinham interessa pelo meu crescimento”, finaliza.

Foto: Yasmim Morais Assis

ÁFRICA

Dos atalhos históricos que fazem Moçambique

Elisio Macamo
Sociólogo moçambicano

Uma vez, participei num debate interessante organizado pela cooperação suíça em Berna. Pediam-me para reflectir sobre a pertinência do modelo asiático de desenvolvimento para a África. Se há uma pergunta que me aborrece, é mesmo esta. Na verdade, são de longa data as comparações entre a Ásia e a África da mesma forma que também são antigos os esforços de mostrar a natureza problemática dos critérios usados para o efeito. A Ásia, isto é, uma parte da Ásia, conseguiu, a África (talvez) ainda está a caminho de conseguir.. E depois? Durante o debate, dei largas ao meu aborrecimento insistindo patrioticamente na ideia de que os últimos sessenta anos de independência em África não foram assim tão maus.

A insistência foi produto de instinto patriótico, mas quanto mais penso no assunto, mais convencido fico da ideia de que há muita coisa positiva que podemos recuperar da nossa experiência de independência. Em Moçambique, somos quinze anos mais novos, mas em pouco tempo fizemos tudo quanto é preciso fazer para sentir as dores do crescimento. Proclamamos a independência em 1975, ficamos eufóricos, matamo-nos uns aos outros numa longa guerra civil de 16 anos, conversamos e fizemos calar as armas em 1992. Muito mais coisas aconteceram, mas estas foram as mais significativas e que mostram progressão, não retrocesso.

No final do debate, alguém se aproximou de mim. Ele tinha ainda nos ouvidos algumas palavras que eu havia proferido. Com essas palavras, eu dizia que 60 anos de independência são muito pouco para começarmos a tirar conclusões sobre se a África vai bem ou mal. Precisamos de muito mais tempo, pois quando fazemos análises de processos históricos tendo como referência pouco tempo, corremos o risco de tomar ruídos por fenômenos centrais. É um pouco como em meteorologia. Se eu quiser avaliar a mudança climática ou simplesmente a qualidade do tempo não é aconselhável dar muita importância ao que acontece no espaço de uma semana. Posso dar com variações extremas que não dizem nada sobre a média. O melhor é esperar até ao fim do ano e ver a distribuição do bom e do mau tempo. Pois bem, a pessoa que se aproximou de mim disse-me que concordava, mas pe-

Foto: Albino Moisés

diu-me para tomar cautela. Mais concretamente, essa pessoa disse-me que as elites africanas deviam tomar cautela, pois as outras elites – as asiáticas – não estão sentadas. A África, segundo ele, corre o risco de ficar cada vez mais insignificante e perder de vez o trem do progresso.

Isso deu-me que pensar. Não foi, contudo, tanto o receio de que houvesse alguma verdade nessa previsão quanto o que significa a história que Moçambique (e África) tem vindo a viver. Aí pareceu-me útil reflectir sobre esta história. Não obstante, como é possível abordar a história de várias maneiras, parece-me mais pertinente concentrar a atenção naqueles que deram um País às gentes de Moçambique. São as elites libertadoras que fizeram a luta anti-colonial contra os portugueses entre 1964 e 1974. Entende-se melhor um país africano sob o pano de fundo das mulheres e dos homens que o constituíram.

A minha língua materna, o Xangan, tem um ditado simples: a nhena yi psvala toya (um herói dá à luz um filho cobarde). A comparação que faço refere-se ao herói trágico grego. A narrativa é simples: um herói comete um erro que vai significar a sua morte ou queda do pedestal. O elemento trágico nisto tudo é o faco de o herói ser nobre de coração e intenções e estar a ser punido por um simples erro de cálculo. Sei que a ideia xangan do herói que tem filho cobarde não corresponde exatamente à ideia subjacente à tragédia grega, mas pouco importa. Serve para ilustrar o argumento. A África de hoje é o resultado de actos heróicos de certos indivíduos que, subsequentemente, caíram em inglória. Para confirmar isso, basta lançar um olhar de relance pelo panteão nacionalista. Kwame Nkrumah, pai do Gana e da ideia dos Estados Unidos de África, deposto e falecido no exílio. Modibo Keita, idem para o Mali, terminou mal. Ahamadou Ahidjo, idem para os Camarões. Yakubu Gowon e Murtala Muhammad na Nigéria, tendo o último terminado muito mal, isto é, morto numa tentativa de golpe após ele próprio ter golpeado o primeiro. Patrice Lumumba no Congo etc. Há algo profundamente trágico na trajetória dum indivíduo que se sacrifica pelo seu povo para depois terminar de forma inglória.

Foto: Albino Moisés

Foto: Rosália Diogo

A dança afro-brasileira de Mercedes Baptista ecoa no carnaval de 2022 e reescreve a história dos corpos negros na Avenida Sapucaí

Evandro Passos

Doutorando em Dança pela UFBA, mestre da cultura popular, ator, coreógrafo e dançarino, mestre da cultura popular de Belo Horizonte-MG

Ninguém fez enredo esse ano. Quem fez enredo foram os orixás. Os orixás escolheram o Xirê[1] para vir para avenida (...). Desde 1980, eu nunca vi algo tão sincronizado, ou seja, a reafricanização se impõe diante das adversidades

Carlinhos Brown, abril de 2022

Concordo com Carlinhos Brown quando ele diz que os orixás escolheram o xirê' para vir para avenida, mas acredito que eles também escolheram e incorporaram em cada um daqueles bailarinos e daquelas bailarinas para que trouxessem para a avenida, em seus corpos pretos, um bailado ancestral que reafirmasse a afinação do povo preto com a contemporaneidade sem deixar de negligenciar o passado.

São singularidades que o capitalismo e a indústria do carnaval não conseguiram tirar do povo preto.

Assumo, neste artigo, a grafia afro-brasileira/o, sem o hífen, como um ato político e de afirmação para fazer entender que não somos dois brasis,

Foto: Gabriel Monteiro

(1) A palavra xirê significa brincar, dançar, e denota o tom alegre da festa de candomblé em que os próprios orixás vem a terra para dançar e brincar com seus filhos. Durante o xirê, um a um, todos os orixás são saudados e louvados com cantigas e coreografias próprias

um afro e o outro brasileiro. Compreendo o Brasil como uma extensão da África que deve ser valorizada e assumida constantemente.

Procuro aqui refletir os caminhos percorridos pela dança afro-brasileira desde o "Balé Folclórico Mercedes Baptista", criado pela bailarina de mesmo nome nos anos 60. Artista que trouxe as danças afro-brasileiras coreografadas para os palcos brasileiros e para as ruas. Mercedes Baptista foi também a primeira pessoa preta a coreografar uma ala de escola de samba nos anos 60, apesar de alguns jornalistas e críticos, brancos, chamarem-na de maluca. Disseram eles em variados veículos de comunicação, "A Mercedes Baptista está desvirtuando o samba".

Através de dois exemplos, das escolas de samba em 2022 e da concepção da Cia. Mercedes Baptista, demonstro como a cultura afro não está estagnada, embora muitos assim a imaginem. A cultura afro dialoga com a contemporaneidade sem negligenciar o passado. Procuro, ainda, mostrar como a persistência pôde contribuir para desconstruir pensamentos coloniais na sociedade brasileira através da arte. Uma arte que propõe novos caminhos e desafios para os corpos negros excluídos, em pleno século XXI.

Creio que no desfile de 2022 o trabalho desses coreógrafos e coreógrafas das danças afro-brasileiras conseguiram mostrar o empoderamento, o profissionalismo rígido dos carnavalescos e das carnavalescas, quesito exigido por um carnaval que virou indústria do entretenimento e do virtuosismo, necessário nas escolas de samba do Rio de Janeiro. Indústria esta que felizmente abarca muitos e muitas trabalhadores e trabalhadoras pretos e pretas. Esses e essas artistas pretos e pretas provaram que o legado da bailarina e coreógrafa Mercedes Baptista está vivo e potente nesses corpos dançantes. São profissionais que fazem de seus trabalhos adequados "artevismo" pela inclusão do povo preto. São movimentos de resistência e resiliência que se multiplicam pelo Brasil afora em aquilombamentos[2] contemporâneos.

Por um longo período, as danças afro-brasileiras estiveram na avenida muito timidamente, mas nunca ausente. Momento em que novos coreógrafos e coreógrafas estavam em formação, atrevo a dizer. Ela ficou timidamente na Sapucaí, porém pulsante nas favelas em projetos sociais, centros culturais e grupos organizados da cultura negra carioca. Os profissionais da cultura continuaram a trabalhar com as danças afro-brasileiras no Rio de Janeiro, formando jovens, criando grupos de dança afro e intercâmbios interestaduais com outros profissionais e núcleos do país.

Ao que se percebe, o carnaval de 2022, pós-pandemia, fez florescer enredos que enalteciam a cultura afro-brasileira em várias escolas de samba. Realidade em que não havia como a dança afro ficar como coadjuvante. Os coreógrafos e coreógrafas das danças afro-brasileiras, com todos os percalços e "expatriações", por um longo período, profissionalizaram-se sim, não apenas para agradar o carnaval. Foram para algumas universidades de danças, centros culturais e mostraram que as danças afro-brasileiras não estão dissociadas das lutas emancipatórias e de resistência do povo preto no Brasil. Na cultura negra política, arte e educação caminham juntos.

Esses e essas profissionais mostraram na avenida que a dança afro-brasileira é mais que alegórica, exótica ou folclórica; para além do virtuosismo, ela educa e ressignifica corpos pretos invisibilizados pela sociedade. Trouxeram para a avenida o legado da coreógrafa negra Mercedes Baptista. Dialogaram com a contemporaneidade, demostrando aos virtuosistas sua competência e ensinando que na "cosmologia africana" cultura negra é cíclica e recorrente à sua ancestralidade.

Imagino que Mercedes Baptista sorriu e aplaudiu lá do "Orum"[3] ao que assistimos nesse carnaval de 2022. Como um ícone de representatividade da dança afro-brasileira que foi impedida de bailar no Teatro Municipal por trazer em seu corpo traços da africanidade. A artista fez, então, da rua e dos locais populares seu palco – da estudantina, na Praça Tiradentes no Rio de Janeiro, seu legado ganhou o mundo e, em 2022, a avenida Sapucaí.

Seus ensinamentos estão vivos, pulsantes e novamente reescrevem a história do povo preto.

As sementes que brotaram estão crescidas e proliferam lindamente na avenida embora seja uma

(2) A palavra surgiu a partir de quilombos. Quilombo era o local para onde os homens escravizados fugiam para se livrar do cativeiro. A palavra foi tomada pelo movimento negro contemporâneo. União, reunião de pessoas negras militantes.

(3) Segundo o Babalorixá Geraldo André – Orum é a sensação de retorno à origem. Retorno do ser à sua origem para prestar conta do quanto ela, a pessoa, evoluiu na sua missão nessa encarnação.

história que os livros no Brasil insistem em negligenciar. Apesar disso, o professor Paulo Melgaço nos presenteou com a obra "Mercedes Baptista – A Criação da Identidade Negra na Dança, obra que traz a história e trajetória pulsante da bailarina negra a baile. Obra à qual farei referências a partir de agora.

No Teatro Municipal, a bailarina negra tinha poucas chances de mostrar sua dança. A discriminação naquele mundo artístico, cujo projeto de arte erudita partia de ideais europeus, impedia sua participação significativa nas montagens de espetáculos, isso quando não a afastava totalmente dos palcos. Mesmo a exaltação de ideais nacionalistas, que também contaminavam algumas produções do Teatro Municipal, não contemplavam devidamente a presença do corpo preto na formação brasileira. Nas encenações, não havia espaço para o afro-brasileiro.

Logo, Mercedes passou a atuar como bailarina, coreógrafa e colaboradora, e pôde mostrar sua experiência e domínio da técnica da dança clássica no Teatro Municipal. Abdias Nascimento percebeu que, no corpo de baile do Municipal, aquela bailarina preta teria poucas chances de mostrar sua arte, então Mercedes no TEN, convivendo com Haroldo Costa, Solano Trindade, Ruth de Souza e outros expoentes artistas pretos daquela época como ela, logo começou a coreografar, integrando-se à militância criativa e à política em busca de uma identidade afro-brasileira.

Mercedes inaugurou uma revolução na arte de dançar no Brasil ao trazer para o palco e para as salas de aula o gestual oriundo das congadas, do maracatu, das danças dos orixás, do samba, ou seja, das manifestações negras brasileiras antes relegadas ao plano do exótico e do folclore.

De acordo com a professora, doutora Marianna Francisca Monteiro, foi Mercedes Baptista que, num certo sentido, encabeçou uma primeira iniciativa de invenção de uma dança moderna brasileira (MONTEIRO, 2010). Embora ainda utilizando uma pedagogia do balé clássico, buscava uma forma de quebrar com essa tradição ao incorporar elementos simbolistas e populares em suas danças.

O que assistimos na avenida Sapucaí em 2022 reinaugura um novo jeito de se coreografar centrado na corporeidade preta do povo brasileiro. O legado da bailarina e coreógrafa Mercedes Baptista está vivo e potente nesses corpos, que com o legado de sua obra se inserem na definição da arte enquanto forma de liberdade revolucionária, contra os conservadorismos e preconceitos vigentes (RIBEIRO, 2022). E faz tencionar a exclusão da dança afro nas instituições educacionais e artísticas, nas escolas de samba, nas escolas e salas de dança, nos cursos de graduação e pós-graduação de dança pelo Brasil.

Foto: Gustavo Domingues

Conceição

Marcial Ávila
Artista plástico especialista em estudos africanos e afro-brasileiros. Autor e ilustrador de livros infantis

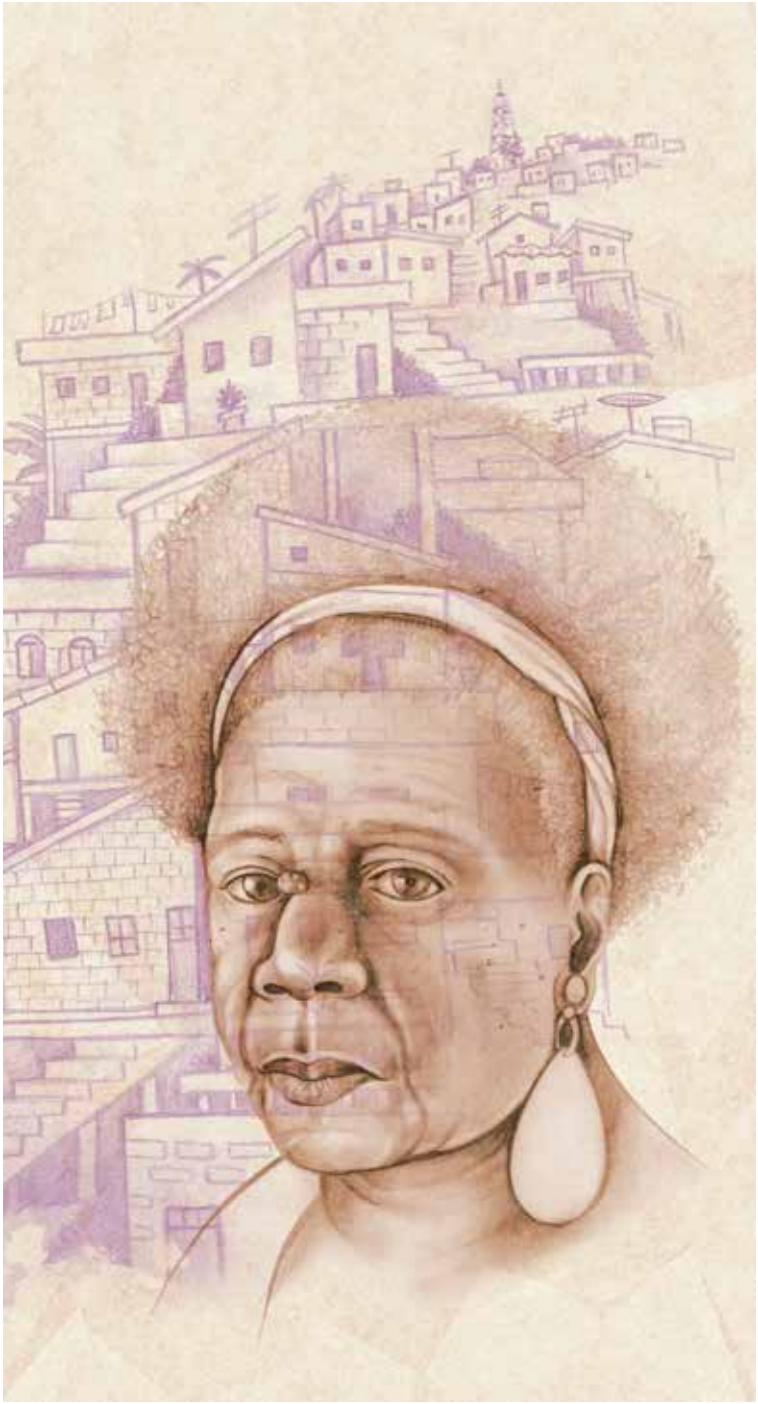


Ilustração: Marcial Ávila

Ela deixou a saia pendurada na favela
Transitou pelos becos resgatando memórias
Viveu ali vislumbrando personagens
Usou as vielas como pautas para sua escrita
Seu corpo negro limpou a casa grande
E suas mãos escreveram cadernos negros
Cada dedo dos seus pés apontou o caminho
Seguiu resistente sua caminhada
Cantando canções para ninar menino grande
Chorou lágrimas insubmissas de mulher
Escreveu poemas de recordações, herdados de mãe
Viveu histórias de pesados e leves enganos
Admirada , não viu a cor dos profundos olhos d'água
Assim como Ponciá, viu muitas ficarem pelo caminho
Mas ela chegou, sobreviveu, viveu, "escreviveu"!

Uma referência chamada Radical Tee: “ubatuke foi me chamar”

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG

Fotos: Estudio Beco - Ronald Nascimento

Criado na Vila Embaúbas, Anderson Luiz de Paula, mais conhecido pela alcunha de Radical Tee, é o mais antigo MC em atividade na cena de BH e Região metropolitana com uma caminhada iniciada em 1991 quando, ao lado de amigos, criou o grupo Retrato Radical, referência do rap produzido em Minas Gerais.

O grupo foi responsável pelo 4º registro fonográfico da história do hip hop na cidade: o LP “Seja Mais Um”, produzido pelo também veterano DJ a Coisa e lançado pelo selo Black White Discos, em 1995. O trabalho executado nas rádios e bailes contribuiu para a formação de toda uma geração de rappers, inspirados no estilo e postura do grupo.

Os artistas estavam tão à frente do seu tempo que ver o Retrato Radical nos palcos trazia a sensação de serem transportados para o Bronx tamanho o cuidado técnico, além das suas performances sempre viscerais. Só essa primeira apresentação já torna a trajetória do artista pertinente para ser abordada em tempos de reconhecimento nacional desse gênero musical, com a cidade representada em outros territórios por figuras com Djonga, Fabrício FBC e Clara Lima.

Para além desse marco, Radical segue inventivo, desafiador e atual nas suas produções. Em carreira solo, mas como ele mesmo diz “ainda sou Retrato”, o rapper lançou em 2014 o álbum “Ideia demais, Evolução de menos”, uma homenagem aos bailes blacks que foram sua base de formação musical na adolescência e chega com um novo trabalho intitulado Ubatuke (2022), álbum com 12 faixas que celebra os seus 30 anos de carreira e reverencia a cidade, a Zona Oeste, a infância e a ancestralidade negra. A musicalidade do álbum passa pelo Boombap e os tambores dos terreiros.

Enfim, sua música de resistência nas letras, na estética e na insistência desse MC lendário em permanecer remando contra a efemeridade e seguindo como presente, passado e futuro dessa cultura de rua que atravessa e conecta gerações é seu estilo ímpar. Participam do álbum os músicos Jefferson Gouveia, Michelle Oliveira, Neghaum, Fabão Z.O e Shabê.

Cinema de gente, cinema da gente

Adilson Marcelino

Adilson Marcelino é negro. É crítico e pesquisador de cinema brasileiro.

Foto: Divulgação

Bela, resistente e combativa, a força do cinema negro é rota indesviável na história do cinema brasileiro. Se, por exemplo, apenas tivesse existido Alma no Olho (1973), de Zózimo Bulbul, na produção brasileira da década de 1970, nossa cinematografia já teria ficado permanentemente no auge. O melhor de tudo é que, nas diferentes décadas, há outros tantos petardos vigorosos e incontornáveis. Nos últimos anos, muitos filmes de nossa negritude têm confirmado essa excelência. Basta citar títulos como Café com Canela (2017), de Glenda Nicácio e Ary Rosa, e Um Dia com Jerusa (2021), de Viviane Ferreira.

A própria Filmes de Plástico, produtora de Contagem (MG), é a confirmação disso com vários filmes, como Temporada, de André Novais Oliveira (2020), e, agora, como esse acontecimento que é Marte Um (2022), de Gabriel Martins, candidato à vaga no Oscar pelo Brasil. Como se sabe, Marte Um mira sua lente para uma família preta periférica, a Família Martins, com cada integrante dela como protagonista de suas vivências, de suas dores e de seus sonhos. São corpos em cena como sujeitos da ação. E ainda que há esse protagonismo individual, há, ao mesmo tempo, o protagonismo coletivo compondo uma unidade familiar indissociável, retrato da genialidade do roteiro, da direção e da interpretação de cada um dos atores: Rejane Faria, Carlos Francisco, Cícero Lucas, Camila Damião – e também Ana Hilário. O par Rejane e Carlão, aliás, já entrou para a história como um dos casais mais inesquecíveis do nosso cinema.

Recentemente, o querido Helvécio Carlos, do jornal Estado de Minas, perguntou-me que atriz eu destacava fundamental no cinema brasileiro contemporâneo e eu citei a Grace Passô. Pedi para citar mais uma e falei da Lira Ribas. Não citei Rejane Faria, de quem, ela sempre soube, sou fã de primeira hora. Então, aproveito esse espaço para registrá-la, o que, aliás, é o espaço perfeito para isso, pois é seu lugar de direito na realeza da Canjerê.

Notícias

Equipe Casarão das Artes

Jornal Quilombo em cartaz no Innhotim

Prêmio Nobel para Bunche

ABDIAS NASCIMENTO

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO I — RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1949 — N.º 4

CR$ 1,50

PARA TODO O BRASIL

SUMARIO:

No centro: "OS NEGROS", de Lima Barreto.

Colaboram: Guerreiro Ramos — Orestes Barbosa — Péricles Leal — João Conceição — Maria Nascimento.

Fonte: Jornal Quilombo, ano I, n. 4, jul. 1949. 12 p.
Coleção Abdias Nascimento – IPEAFRO

O Inhotim inaugura as exposições Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, na Galeria Lago; e O Mundo é o Teatro do Homem, na Galeria Fonte. As duas mostras estão conectadas com o Segundo Ato da Mostra Abdias Nascimento do Museu de Arte Negra, programa curatorial desenvolvido pelo Instituto em parceria com o Ipeafro desde 2021.

Em cartaz até fevereiro de 2023, o Segundo Ato da mostra, sob o título Dramas para negros e prólogo para brancos, apresenta questões sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN), representatividade e autorrepresentação. As duas exibições têm como ponto de partida o jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, editado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN) entre 1948 e 1950.

"O Mundo é o Teatro do Homem", tem como ponto de partida o legado do TEN, grupo fundado por Abdias Nascimento, que se notabilizou por pautar o protagonismo negro e a denúncia do racismo nas suas ações. Com trabalhos de Jonathas de Andrade e da dupla Bárbara Wagner & Benjamin de Burca (em colaboração com o Coletivo Banzeiros, MST-PA), a exposição dá destaque também à aproximação do TEN com a prática do psicodrama, documentada e discutida nas páginas do jornal Quilombo. Além disso, arquivos contextualizam as trocas entre Abdias Nascimento e Augusto Boal, criador das práticas e conceitos que consolidaram o Teatro do Oprimido.

"Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro" se divide em cinco núcleos que estabelecem um diálogo com temas presentes no Quilombo, como questões de representação e identidade da figura do negro na sociedade da época, e os relaciona à produção contemporânea de artistas brasileiras e brasileiros, trazendo obras de cerca de 30 artistas e coletivos.

Wakanda é Nois

Fotos: Yuri Laurindo

O coletivo Casa das Pretas, coordenado pelas advogadas Cristina Tadielo, Luísa Helena, Tatiana Pauline e Záira Pereira, mobilizou uma ação social em Belo Horizonte que levou 400 alunos de cinco escolas públicas, além de participantes de projetos sociais da capital mineira, para assistirem ao filme "Pantera Negra 2.0" no cinema. O filme dá continuidade à saga que levou para telonas o protagonismo negro com o herói interpretado por Chadwick Boseman em uma história que resgata a ancestralidade e cultura africana. A iniciativa denominada "Wakanda é Nóis" foi viabilizada a partir de um financiamento coletivo

XIII Prêmio Zumbi de Cultura

Em 2022, o Prêmio Zumbi de Cultura, realizado pela Cia Baobá, celebrou 13 anos da iniciativa com um festejo. A solenidade de abertura aconteceu no Palácio das Artes, no dia 20 de novembro, e contou com a presença de autoridades, grupos culturais e homenageados, com a apresentação da Cia Baobá Minas e do Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, da cidade de Ilicínea-MG. O Sesc Palladium foi palco para a premiação no dia 23 de novembro, com a entrega dos troféus aos homenageados da edição.

Os contemplados em suas respectivas categorias foram:

- Ana Clélia Moreira (Mametu Lupangu) - Religiosidade;
- Moara Sabóia - Destaque Mulher Negra;
- Valeria Silva - Personalidade Negra;
- Wilson Avelar - Artes Visuais;
- Claudia Magno - Empreendedorismo Negro;
- Rafaela Aparecida - Representação Mirim;
- Afoxe Ilê Odara - Manifestação Cultural;
- Lu Silva - Dança;
- Flavio Santos - Protagonismo Juvenil;
- Larissa Borges - Atuação Política;
- Chica Reis - Teatro;
- Mestre Faria - Mestre de cultura popular;
- Sonia Augusto - Educação;
- Eduardo Levi - Literatura;
- Ricardo Casimiro - Destaque Homem Negro;
- Rita Silva - Música;
- Soraya Menezes – Resistência LGBTQIA+;
- Elissandra Flávia - Comunicadores Negros(as);
- Isabel Antônia Casimiro – Menção Honrosa.

Entre as participações em apresentações culturais participaram Afoxé Ilê Odara, Cia. Baobá Minas, Adriana Araújo, Samba Angola de Ouro, Rita Silva, Boi Livre e a Guarda 13 de Maio (Concórdia).

O Prêmio Zumbi de Cultura tem como principal objetivo valorizar e estimular as diversas manifestações artísticas da Cultura Negra em BH.

Foto: Patrick Arley

virtual que possibilitou que crianças e adolescentes da periferia da cidade pudessem assistir ao filme em um shopping, na segunda-feira, dia 14 de novembro. Inicialmente a ideia era contemplar 100 estudantes, mas a grande adesão de apoiadores fez com que a arrecadação fosse maior que 10 mil reais, possibilitando ampliar o número de jovens beneficiados. Em sua conta do Twitter, Luíza Helena, idealizadora da ação, agradeceu o apoio recebido no projeto: “Eu disse que ia levar 100 jovens das periferias de BH para assistir Pantera Negra 2. Venho aqui me retratar, pois vamos levar mais de 400. Duas salas de cinema exclusivas com pipoca e refri pra comunidade preta e periférica de BH. Muito obrigada por fazerem isso acontecer”, celebrou Luíza Helena. Entre os apoiadores da campanha estava o atleta do time América-MG, Danilo Avelar.

FIT-BH

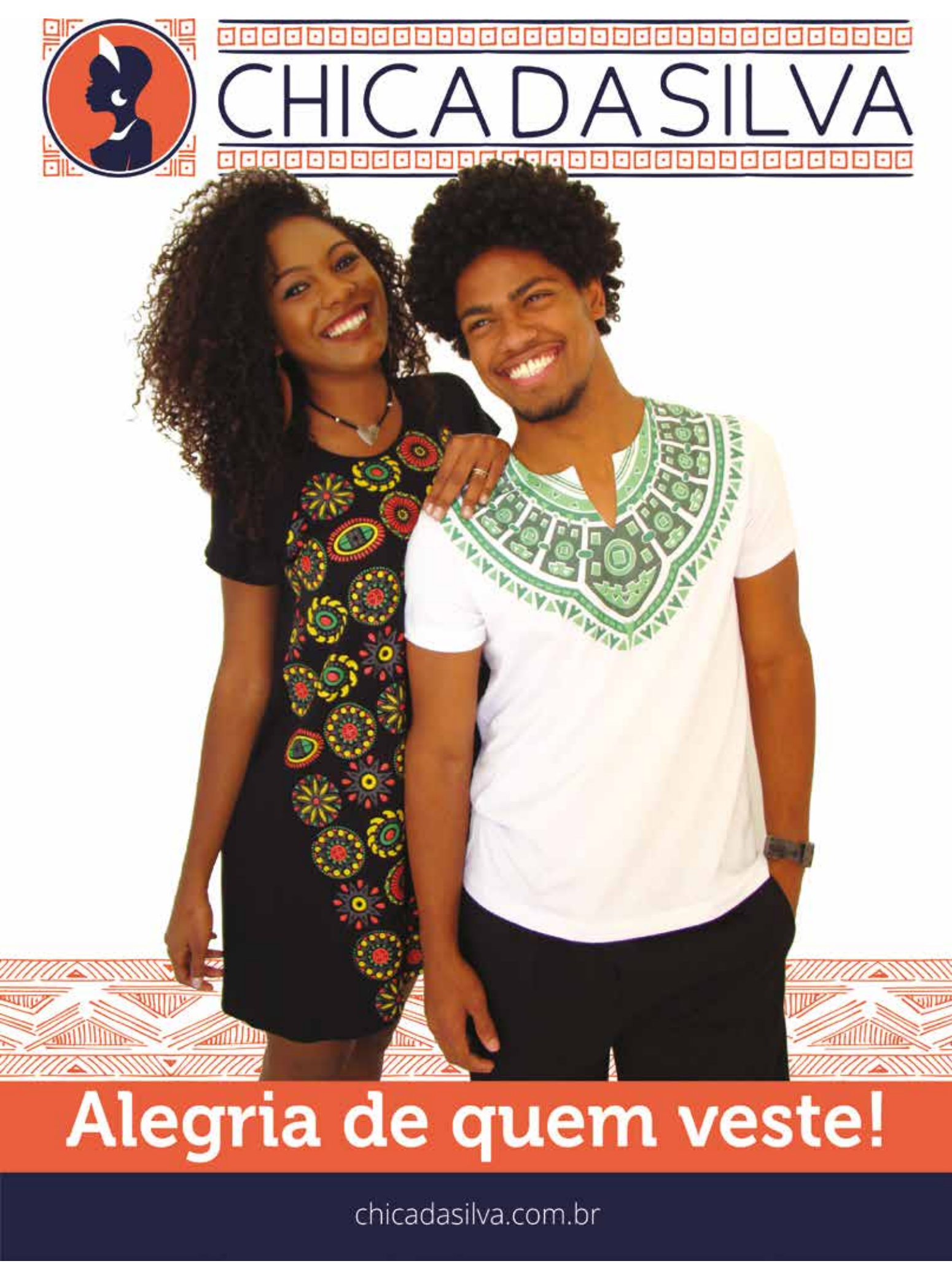
A 15ª edição do Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua de Belo Horizonte – FIT BH –, teve como tema "Raízes – Arte, Existência e Nossa Latinidade". Com programação entre os dias 5 e 11 de novembro, o festival homenageou a escritora Conceição Evaristo e o filósofo Ailton Krenak, que participaram de uma mesa de debate na abertura do evento. Também foram homenageados o diretor e dramaturgo João das Neves, o cenógrafo e figurinista Raul Belém Machado e o fotógrafo Guto Muniz. Com uma temática que celebra nossas raízes e nossa latinidade, o evento mergulhou a cidade no melhor do teatro local, nacional e internacional, com uma programação múltipla e diversa, ocupando teatros, ruas e espaços alternativos da capital. A curadoria do 15º FIT BH ficou a cargo de três profissionais com trajetórias bastante consolidadas em suas áreas de atuação: a atriz, curadora e diretora artística Andreia Duarte Figueiredo; o professor e pesquisador Marcos Alexandre; e a atriz, diretora e professora Yara de Novaes e a proposta foi trazer reflexões sobre as faces diversas e plurais dos "Brasis" e "Américas Latinas". No evento, 17 atrações integraram a programação do Mês da Consciência Negra da Prefeitura de Belo Horizonte, entre espetáculos e exibições de filmes.
Um dos espetáculos foi o PROT{AGÔ}NISTAS, que trouxe uma linguagem plural reunindo artistas da música, dança e do picadeiro. A peça convidou a plateia a contemplar a estética negra em discurso permeado de potência e técnica apurada.

Foto: Cassandra Mello

Rafael Freire

O café do Memorial Minas Gerais Vale recebe até o dia 29/01/2023 a exposição do fotógrafo Rafael Freire, morador do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, que se dedica a retratar a vida e a beleza de quem mora ao seu redor. Idealizador do projeto Favela a Flor que se Aglomera, Rafael se diz um "contador de histórias reais". A iniciativa Integra o projeto Mostra de Fotografia, com curadoria de Eugênio Sávio. Rafael se define como o "expert em peles negras" e "o menino das flores". Em um dos posts do seu instagram, o artista reflete sobre a arte que produz ao trazer um olhar sensível para o cotidiano da sua comunidade e seus moradores. "Nascido e criado numa favela, gostamos do passinho do funk, rebolar até o chão, pintar o cabelo de rosa, amarelo, andar sem camisa. Aquele sorriso largo, aquele samba na laje... favela... aquele tanto de criança correndo, nasce um novo conceito, revelando qualquer morador como uma bela e única obra de Art", destaca o artista em uma de suas legendas. Ele conta com mais de 114 mil seguidores na rede social em que compartilha diariamente conteúdo como fotos e seus processos de criação.

Foto: Rafael Freire


CHICADASILVA
Alegria de quem veste!
chicadasilva.com.br

Africanidade é questão de estilo!

Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro é com a Nega Badu!

Nêga Badu

Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795

www.facebook.com/NÊGA-BADU-503633653106251